

Clon. Daniel

Crescendo na crise

Em qualquer país em que a inflação registre índices parecidos com os da inflação brasileira, se a economia não se desorganizar completamente, já será um fato digno de comemoração. No Brasil, entretanto, mesmo com a inflação superando os 2.500%, como ocorreu em 1993, o sistema produtivo continua dando surpreendentes demonstrações de vitalidade, com a produção crescendo em ritmo mais do que satisfatório.

No ano passado, a produção industrial cresceu 9,6%, o melhor resultado dos últimos sete anos. Se considerarmos que o desempenho de 1986 foi artificialmente impulsionado pelo Plano Cruzado e, por essa razão, excluirmos esse ano da série, o desempenho de 1993 será o melhor num período de mais de 20 anos.

O maior crescimento da indústria foi o registrado pelo segmento de bens de consumo duráveis (automóveis e eletrodomésticos, por exemplo), com aumento de 41% em relação a 1992. O segundo maior foi o do segmento de bens de capital para a agricultura, com expansão de 36,3%. Com o aumento da renda agrícola, puxado pelos produtores de soja, e com a maior oferta de financiamentos oficiais, os agricultores investiram mais em equipamentos no ano passado.

Deve-se levar em conta que o aumento de 1993 se deu sobre o que os estatísticos chamam de "base depressiva". Isso porque desde 1988 a produção industrial brasileira vinha acumulando muitas perdas, que alguns períodos de recuperação (como os de 1989 e de 1992) não tiveram forças para superar. Mas em 1993 foi possível superar as perdas. Não têm sido poucos, por isso, os estatísticos, economistas e até empresários que prevêem, para 1994, um desempenho bem mais modesto da produção industrial.

É cedo para se fazer previsões desse tipo, especialmente porque o ambiente econômico dos próximos meses ainda não está definido. Há um programa de

ajuste elaborado pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, cuja primeira fase deve obter a aprovação do Congresso na próxima semana. Logo em seguida deve iniciar-se a segunda fase do programa, que poderá fazer o índice de inflação cair continuamente, para então se introduzir na economia a nova moeda, já num ambiente de maior estabilidade. Se tudo ocorrer como previu a equipe econômica, serão muitos os estímulos aos investimentos e à produção, de modo que se possa repetir o desempenho do ano passado (quando o PIB deve ter crescido mais de 4%), ou até superá-lo.

Mesmo no atual ambiente de incertezas quanto ao destino do programa do ministro Fernando Henrique, são muitos os sinais de que a atividade econômica continua aquecida. As vendas no varejo cresceram 12% em janeiro (em relação a igual período de 1993) e continuam a crescer em fevereiro. Com estabilidade, os negócios se aquecerão ainda mais.

Para o governo, a consequência do bom desempenho da economia é o aumento da arrecadação de impostos. Em janeiro, ela atingiu nada menos do que US\$ 4,8 bilhões, resultado nunca antes registrado em um único mês. Esse desempenho deixa-nos cada vez mais convencidos de que, para equilibrar suas contas, o governo não precisava do pacote tributário que conseguiu aprovar no Congresso. O nível de arrecadação registrado nos últimos meses é mais do que suficiente para assegurar esse equilíbrio.

Falta, é verdade, aprovar medidas que permitam o uso mais adequado dos recursos da União — o que será, em parte, conseguido com a criação do Fundo Social de Emergência — e falta, sobretudo, reduzir os gastos públicos de maneira permanente. Quando essas condições forem obtidas, o crescimento econômico será mais firme e, como consequência, as receitas do governo crescerão de maneira constante.